



IX Encontro do Grupo MODOS

FORMAS de pensar MODOS de arte

02 a 05 de novembro de 2021

Zoom: <https://uso2web.zoom.us/j/82002099146>

Dia 02 de novembro

16h Conferência de Abertura
Tadeu Chiarelli (USP)



Professor da Universidade de São Paulo. Foi diretor da Pinacoteca de São Paulo entre 2015 a 2017. Foi curador-chefe do Museu de Arte Moderna de São Paulo, entre 1996 e 2000, e diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo entre 2010 e 2014.

Conferência de Abertura

O bandeirismo como advérbio: modernismo e tradição paulistana

Tadeu Chiarelli [USP]

A conferência terá como objetivo investigar a impregnação de uma visão positiva do bandeirismo dos primeiros séculos da colonização brasileira e seus supostos reflexos na sociedade paulistana do início do século XX, na ficção e em textos de crítica e de crônicas produzidos por três agentes do Modernismo Paulistano, a saber: Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia.

Ainda em seu início, este estudo investiga como o discurso modernista de São Paulo propagava os preconceitos ligados à figura do bandeirante paulista e do bandeirismo como um todo, em textos que não se referiam diretamente a esses objetos, propagando, assim, e de forma sub-reptícia, valores que pouco ou nada possuíam de verdadeiramente modernos.

Tenho a convicção de que, ao atentarmos para esse aspecto da agenda modernista, ampliaremos o universo de contradições que compunha aquele ambiente, tornando seu estudo ainda mais complexo e repleto de novas conexões a serem exploradas, nesses meses que antecedem as comemorações do Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922.

Antes de iniciar minha fala, devo lembrar a todos e todas que este estudo é um dos desdobramentos da pesquisa sobre o Monumento às Bandeiras, de Victor Brecheret – que, junto com meu colega Thiago Gil Virava –, realizo desde 2017 e cujo título é: “O Monumento às Bandeiras como processo: do presente ao passado.

Dia 02 de novembro

18h30 Mesa 1

Mediação: **Maria de Fátima Morethy Couto** (Unicamp)

Bienais de São Paulo nos anos 1970: crise ou urgência de revisão?

Renata Cristina de Oliveira Maia Zago (UFJF)

A proposta desta comunicação é refletir sobre a crise institucional e artística que caracteriza as Bienais de São Paulo ao longo da década de 1970. Tal debate tem origem nos ecos de sua fundação, na proposta de internacionalização da Bienal em uma era “pré-global”, em que a linguagem artística modernista começou a ser divulgada como um valor da cultura das sociedades ocidentais, naquele instante entendida como universal, reproduzindo o modelo colonialista. Além disso, a crítica à Bienal de São Paulo foi dirigida não apenas à maneira como a expressão artística foi enquadrada (e consequentemente afirmada) por suas exposições, mas também à forma como a instituição implementou sua política de representação e seu sistema de premiação, sem reconhecer adequadamente as diferenças artísticas e culturais contidas no Brasil. Dessa maneira, após elencadas as razões para a crise, pretende-se discutir o emblemático hiato atribuído pela historiografia da arte às Bienais Internacionais de São Paulo realizadas nos anos 1970, mapeando obras expostas, juris de seleção e premiação, organização geral (curadoria), delegações nacionais oficiais e artistas convidados para compor as mostras. Durante a comunicação, serão escolhidos alguns exemplos dentre o conjunto catalogado para elucidar o problema de pesquisa.

“Nordestinidade” e curadoria: algumas considerações

Pedro Ernesto Freitas Lima (Unespar)

Proponho discutir alguns pontos fundamentais da minha pesquisa de doutorado, a qual discuti como determinado conjunto de curadorias de Moacir dos Anjos, realizadas na passagem da década de 1990 para os anos 2000, acionou aspectos identitários, abarcados sob aquilo que denominamos como “nordestinidade”, em trabalhos de artistas contemporâneos oriundos de partes da região Nordeste. Discutiremos tensões entre obra e interpelação curatorial considerando os seguintes aspectos: como curadorias criam e operam institucionalmente identidades; como obras e curadorias lidam estrategicamente e de modo “promíscuo” com a produção de sentidos; e, finalmente, como curadorias podem fazer uma História da Arte “fora do eixo”.

Dia 03 de novembro

16h Mesa 2

Mediação: Ana Maria Albani de Carvalho (UFRGS)

A curadoria de exposição enquanto espaço de crítica

Francisco Dalcol (UFRGS/MARGS)

Refletindo sobre os deslocamentos do discurso crítico em direção a uma esfera ampliada da circunstância de apresentação da obra e do trabalho de arte, parto da constatação de que as décadas de 1960 a 1980 compreendem um momento em que críticos de arte stricto sensu estendem sua atuação e reflexão a projetos de exposição e à atuação em curadoria. Nesse sentido, argumento que agentes da crítica têm importante papel na constituição de um campo de prática e pensamento curatorial no Brasil; primeiramente em uma época em que a atividade curatorial começa a se consolidar ainda sem ser assim nomeada e, a seguir, em uma fase de reconhecimento e institucionalização tanto do termo quanto da função. O estudo convoca dois “casos exemplares”: a atuação do crítico Frederico Morais entre os anos 1960 e 70, e da crítica Sheila Leirner entre os anos 1970 e 80, dois críticos-curadores que se dirigem à prática e pensamento em curadoria como um desdobramento não apenas da atividade na crítica de arte, como também de uma reflexão mais ampla sobre o próprio estatuto da crítica. A investigação procura contribuir para a discussão sobre no que se assemelham e diferenciam os papéis e funções do crítico e do curador, observando que vêm passando por transformações, contaminações e sobreposições cujas origens e consequências importa esclarecer e aprofundar.

Cena e Visualidade. Sobre o lugar da exposição de arte nos dias atuais

Sonia Salcedo del Castillo (Universidade de Coimbra)

Concepção e prática expositivas tradicionais estão calçadas no par espaço-temporal em fluxo percepção/leitura. Contudo, poéticas processuais e/ou improvisacionais fortalecem o par em fluxo percepção-sensação, sugerindo uma instabilidade na compreensão do lugar expositivo. Enquanto, através de antecedentes históricos, que contextualizam estruturas ceno-visuais de espacialidades externas aos campos da escultura, arquitetura ou cenografia tocamos elementos que abalam modelos expográficos tradicionais; por meio da abordagem acerca do performativo motivamo-nos a entender estruturas expositivas nômades. Há no campo corpográfico uma estrutura ceno-visual potencializada. Um campo transversal tão arquitetônico quanto político, implicado em relações conviviais não apenas intrínseca às questões da arte.

Dia 03 de novembro

18h30 Mesa 3

Mediação: **Luiz Cláudio da Costa (Uerj)**

Corpo e intimidade nos processos artísticos autobiográficos

Odinaldo da Costa Silva (UFG)

A proposta é investigar a atuação do corpo dentro dos processos artísticos contemporâneos, partindo de um viés autobiográfico. Nos interessa observar as estratégias do corpo do artista com relação aos embates que esse tem com o outro e com o mundo ao seu redor. Atravessado por questões como a intimidade, memória, deslocamento e a sexualidade, o que propomos é a experimentação através da prática artística. Neste recorte específico, apresentaremos a prática artística autobiográfica percorrendo dois eixos: procedimentos de investigação que enfatizam a memória de um corpo da infância; e um segundo eixo, com destaque para o desafio do corpo no cenário pandêmico atual. Como criar estratégias de sobrevivência na atualidade? A prática artística apresentada pretende refletir sobre estratégias partindo de uma abordagem pessoal, mas vislumbrando um entendimento de sujeito que pode ser atravessado por uma coletividade.

Um jogo disruptivo: a pesquisa em arte como um quebra-cabeça

Sandro Ka (IFRS/UFRGS)

A partir da análise do jogo de quebra-cabeça como elemento central de um processo investigativo em arte, o trabalho lança reflexões acerca dos modos de articulação entre artista, obra, público e contexto na instauração de uma série de proposições artísticas autorais e propõe reflexões acerca do papel do pesquisador como jogador e do fazer pesquisa como um jogo em acontecimento.

Dia 04 de novembro

16h Mesa 4

Mediação: **Marize Malta (UFRJ)**

"A Hidra do Iguaçu"

Cristiana Miranda (FACHA)

"A Hidra do Iguaçu" é um filme experimental filmado em Angola, nas cidades de Luanda, Massangano, Benguela e Chibia sobre os espaços esquecidos da historiografia colonial. O filme é uma experiência etnográfica onde o entendimento sobre si é inseparável da investigação sobre o coletivo. Uma experiência de filmar e habitar o estrangeiro que perturba as separações entre o dentro e o fora, o eu e o outro. Enquanto artista viajante experimento a identidade como uma construção, um desafio que só pode ser enfrentado a partir de um vínculo com a memória e com a construção de uma imagem do passado. O cinema experimental é um exercício crítico de pensamento que nos põe em estado de alerta. O trabalho que aqui apresento traz uma proposta de cinema que pesquisa a técnica analógica de filmar e a utiliza como instrumento de investigação da história.

História da Arte e Memória Biocultural: reflexões sobre a arte das mulheres rurais

Jancileide Souza dos Santos (UFOB)

Esta palestra tem o propósito de pensar o lugar da criação artística das mulheres rurais na História da Arte, a partir de uma reflexão sobre a produção artesanal com o barro e as fibras vegetais realizada por mulheres que vivem em comunidades da zona rural do Oeste Baiano. Esta arte é uma expressão artística de re-existência da memória biocultural das comunidades tradicionais, e revela um conhecimento herdado e transmitido, entre gerações de mulheres negras, indígenas e afro-indígenas, sobre o uso, a preservação e o aproveitamento dos recursos naturais, assim como os rituais e as tecnologias ancestrais de criação artística.

Dia 04 de novembro

18h30 Mesa 5

Mediação: **Luiz Alberto Freire (UFBA)**

A pintura parietal e seus contributos para a reinterpretação da ornamentação nos primórdios da quarta igreja do Colégio da Bahia **Belinda Maria de Almeida Neves (UFBA)**

Esta pesquisa faz referência a um conjunto de pinturas decorativas que ornamentou diversas capelas nos primórdios da quarta igreja do Colégio da Bahia, posterior Catedral Metropolitana da cidade de Salvador. As pinturas realizadas a têmpera, sobre reboco ou diretamente na cantaria, abrangem tetos, paredes, cimbalhas e bases laterais dos altares. A decoração compreende um sortido número de elementos fitomorfos entrelaçados, volutas de cartela, albarradas, híbridos em metamorfose e a representação do indígena. Esses motivos estão subjacentes à talha das capelas em posteriores atualizações da decoração, ainda no período jesuítico, e contribuem para o estudo da ornamentação de brutescos no universo luso-brasileiro. Na restauração ocorrida pelo Iphan entre 2015 e 2018 puderam ser novamente vistos o que permitiu o registro daquele contingente e o seu estudo, além da revisão sobre a decoração das capelas a partir de elementos da talha.

Perspectivas da arte decorativa além dos muros da Escola de Belas Artes

Marcele Linhares Viana (CEFET/RJ)

Estudar o ensino de arte decorativa na Escola Nacional de Belas Artes na primeira metade do século XX se apresentou como um interessante desafio através da exploração de arquivos, documentos e relatos pouco trabalhados até então. Uma narrativa possível da história do curso Arte Decorativa foi contada. Essa pesquisa, entretanto, abriu outros caminhos e expandiu nossas perspectivas acerca de temas, como: as ressonâncias da arte indígena, o protagonismo feminino nas artes aplicadas, a relação das artes decorativas com manifestações da cultura popular e os paralelos entre seu ensino e o das instituições latino-americanas. Rever e expandir o olhar sobre o objeto pesquisado tem nos conduzido a análises críticas na busca do rompimento de paradigmas e da ampliação das linhas de diálogo entre arte, ensino e patrimônio.

Dia 05 de novembro

16h Mesa 6

Mediação: **Emerson Dionisio de Oliveira (UnB)**

Para divertir paixões caseiras e a renúncia ao “barroco”

Sílvia Borges (UFRJ)

“Barroco é uma categoria equívoca”. A afirmação de João Adolfo Hansen é premissa a partir da qual foi construída a tese “Para divertir paixões caseiras: azulejaria do Convento de São Francisco de Salvador, século XVIII”, defendida junto ao PPGAV/EBA/UFRJ, que tem como objeto os painéis de azulejos que se encontram no Convento de São Francisco, de Salvador/Bahia. Os azulejos de origem portuguesa compõem conjuntos narrativos que recobrem paredes de diversos espaços da arquitetura conventual. Provenientes de distintas encomendas, que se deram ao longo do século XVIII, sua riqueza deve-se à sua extensão mas, sobretudo, aos temas apresentados – vida de São Francisco e de Santo Antônio, Antigo Testamento, iconografia emblemática e alegórica e cenas associadas à vida cortesã. O patrimônio azulejar desta casa franciscana de Salvador destaca-se pela combinação da singularidade dos temas e dos locais onde foram aplicados. Diante da complexidade dos conjuntos narrativos azulejares, esta palestra propõe o levantamento de perguntas para as quais a categoria “barroco” não pode ser a única resposta. Interessam os silêncios, as pausas, as ausências tanto no que se refere aos objetos, como no que diz respeito ao diálogo com a historiografia, posto que a tese busca a aproximação com textos e imagens pertinentes ao universo setecentista.

Sob o signo da falta: o acervo da Pinacoteca do RN, proposta de pesquisa e abordagem

Diego Souza de Paiva (UnB)

A proposta é a de trazer os resultados iniciais das minhas investigações sobre o acervo da Pinacoteca do RN. Partindo do “signo da falta”, pretendo apresentar os avanços da pesquisa ao mesmo tempo em que refletir sobre a abordagem teórico-metodológica, seus caminhos e descaminhos. Nesse ponto específico pretendo defender a perspectiva da trajetória de formação da coleção (assim como fiz na tese em relação ao Instituto RB), explorando as possibilidades de “sinergia teórica” com os elementos da abordagem da Crítica Genética (Cecília Salles). Ou seja, a ideia é contribuir para o entendimento do acervo da Pinacoteca do Estado (sobre o qual não existe nenhuma pesquisa... mais uma vez “sob o signo da falta”), ao mesmo tempo em que defendendo uma abordagem teórico-metodológica (que pode ser tomada para outros acervos) aprofundando-a pela relação com os elementos da Crítica Genética.

Dia 05 de novembro

18h30 Mesa 7

Mediação: **Ana Maria Tavares Cavalcanti (UFRJ)**

Mulheres viajantes na crítica e no colecionismo de arte do século XIX: Maria Graham e Lady Eastlake

Maria de Fátima Medeiros de Souza (UnB/GDF)

A difusão da cultura impressa e da viagem contribuiu para a inserção das mulheres britânicas na crítica e no colecionismo de arte. Lady Eastlake (1809-1893) e Maria Graham (1785-1842) aproveitaram suas experiências de viagem e suas redes de sociabilidade para se inserirem no circuito teórico de arte. A participação dessas mulheres é identificada como resultado da mudança operada na produção crítica do período. Se antes, presumia-se um gosto inerentemente refinado e “racional” aos homens, com a possibilidade de viajar, as mulheres provaram seus conhecimentos por meio de descrições e análises de coleções europeias. A ligação de Maria Graham com Sir Thomas Lawrence, artista criador da National Gallery, é essencial para discutir a participação das mulheres como críticas e colecionadoras de obras de arte dos antigos mestres do Renascimento. Maria Graham viajou pela Áustria, Alemanha e Itália como correspondente de Lawrence e de outros colecionadores de arte. Além disso, aconselhou a Rainha Vitória na seleção de pinturas e escreveu livros de história da arte e biografia de pintores como Nicolas Poussin e Cimabue. Lady Eastlake foi profunda conhecedora de diversas línguas, traduziu para o inglês textos de arte escritos em alemão e produziu críticas literárias e artigos de forma anônima para a *Quarterly Review*. Em 1857, Lady Eastlake publicou um texto pioneiro sobre a história dos processos fotográficos. Ademais, com seu marido Charles Eastlake, ela foi responsável pela aquisição de inúmeras obras de arte para o acervo da National Gallery. Lady Eastlake e Maria Graham foram intelectuais ativas em diversas esferas, construíram redes complexas em busca de informações e forneceram dados inéditos sobre as coleções que visitaram. A mudança operada na escrita sobre arte, na qual a viagem foi método fundamental, constituiu um dos trunfos para essas autoras firmarem suas carreiras.

Artistas Brasileiras nas exposições internacionais americanas de 1930 e 1939

Renata Gomes Cardoso (UFES)

Nos anos de 1930 e 1939 foram realizadas nos Estados Unidos duas exposições coletivas com participação da arte brasileira. A primeira foi totalmente dedicada à apresentação da cena artística brasileira e contou, no Brasil, com uma organização centralizada nas artistas Georgina de

Albuquerque e Anita Malfatti, nos respectivos cenários em que atuavam, em São Paulo e no Rio de Janeiro. A mostra contou com 52 artistas no total, sendo 10 mulheres. Na segunda exposição, de 1939, a participação brasileira estava inserida em uma mostra mais abrangente, que procurava apresentar nos Estados Unidos um panorama da arte latino-americana, até aquele momento. Do total de 40 artistas brasileiros participantes nesta mostra, 7 eram mulheres, em sua maioria vinculadas ao panorama das artes do Rio de Janeiro. Delineia-se como objetivo desta apresentação uma abordagem centrada na participação destas artistas nas duas exposições, com a premissa de discutir e cotejar essa significativa presença em exposições internacionais com a própria participação e circulação de tais artistas nos cenários em que atuavam no Brasil. Procuraremos assim entender a repercussão e projeção de suas trajetórias em sentido histórico. Deste conjunto de 17 mulheres, algumas são plenamente reconhecidas, como Georgina de Albuquerque, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, sobre as quais existem amplas pesquisas. Tal dado direciona o enfoque desta apresentação para um mapeamento e análise das demais artistas participantes das duas mostras, no sentido de contribuir para uma construção de fontes sobre sua presença e circulação em cenário nacional e internacional.

IX Encontro do Grupo MODOS

FORMAS de pensar MODOS de arte

02 a 05 de novembro de 2021

Zoom: <https://uso2web.zoom.us/j/82002099146>

Realização: **Grupo MODOS**

Apoio: **PPGAV/EBA/UFRJ; PPGAV/Unicamp; PPGAV/UFRGS;
PPGAV/UnB; PPGArtes/Uerj e PPGAV/EBA/UFBA.**